

Mulheres Extraordinárias

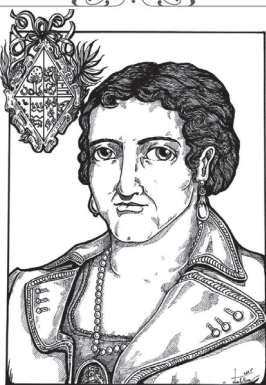
O resgate histórico do legado, pela palavra escrita

Coletânea Literária
da AJEB-RJ



ORGANIZADORA:
DYANDREIA VALVERDE PORTUGAL
PRESIDENTE COORDENADORA AJEB-RJ





Dona Joaquina da Pompéu

por

Frislene Castelo Branco Morato

BELO HORIZONTE – MG

Cirurgiã-Dentista Especialista e Mestre em Odontologia. Escritora e poetisa, Membro Efetivo da SBDE – Sociedade Brasileira de Dentistas Escritores (2015). Membro Efetivo da AFEMIL – Academia Feminina Mineira de Letras (2016). Membro da APP – Associação Portuguesa de Poetas; Membro da ALALS – *Académie de Lettres et Arts Luso-Suisse* (2017). Colunista do *Jornal Sem Fronteiras*, 100% Cultural (2017). Presidente Coordenadora da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – Coordenadoria MG – AJEB-MG (2018/2020). Membro Correspondente da UBE RJ – União Brasileira de Escritores do RJ (2018). Primeiro lugar em concurso de Crônica, da Poemas à Flor da Pele (RS) (2018). Livros Publicados: *Liberdade & Encantamento – Prosa e Verso*, Editora Rede Sem Fronteiras (2018). *Devaneios da Alma* Prosa e Poesia, Sangre Editorial (2019). Livro Infantil Bilingue, *O Bicho da Floresta*, Literarte Editora (2019). Participações em mais de 30 antologias, prosa e poesia, nacionais e internacionais. Recebeu Monção Cultural de Aplausos da Câmara Municipal dos Vereadores do Rio de Janeiro (2018 e 2019), por serviços prestados à cultura, por meio da Rede Sem Fronteiras.

icbmorato@hotmail.com



Divulgação

Dona Joaquina do Pompéu

Uma mulher muito além do seu tempo, Dona Joaquina do Pompéu (Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco Souto Maior de Oliveira Campos), nasceu em Mariana, em 20 de agosto de 1752.

Falar sobre Joaquina é conhecer um pouco da história do Brasil Colônia e conhecer uma mulher pioneira e extraordinária.

Era filha do advogado português, que estudou em Coimbra, Jorge de Abreu Castelo Branco, e da açoriana Jacinta Teresa da Silva. Em 1762, após o falecimento da mãe, mudou-se com a família para Pitangui. Com apenas onze anos, apaixonou-se pelo Capitão Inácio de Oliveira Campos, que frequentava a casa da família, na época com 29 anos.

Fora prometida, como era costume na época, a ficar noiva, por imposição do pai, de um homem pelo qual não tinha a menor simpatia, o comerciante Manuel de Sousa e Oliveira.

No dia do noivado, no entanto, recusou-se a um brinde, aproximou seu copo ao copo do Capitão Inácio, que comparecera à festa e disse para que todos ouvissem:

– Não é para beber a saúde do noivo escolhido? Pois eu bebo a saúde de meu noivo, Capitão-Mor Inácio de Oliveira Campos.

A atitude de Joaquina quase resultou num duelo entre Inácio e Manuel, mas, os amigos os demoveram.

Com apenas 12 anos, casou-se, então, em 20 de agosto de 1764, com o Capitão Inácio de Oliveira Campos. Foram morar na fazenda recém-adquirida, a fazenda Lava-pés, bem próxima da vila de Pitangui. Nesta fazenda, criavam gado e cultivavam cereais, feijão e hortaliças. Em 1784, eles adquiriram de Manoel Gomes da Cruz, rico proprietário de terras da região, a fazenda Nossa Senhora da Conceição. O pagamento foi combinado em parcelas. Esta fazenda pertenceu anteriormente a Antônio Pompeu Taques.

Manoel Gomes da Cruz era criador e maior fornecedor de gado, para abate e abastecimento de carne, para a vila de Pitangui.



Embora já tivesse uma sede com relativo conforto para os padrões da época, em 1785, decidiram construir uma sede nova, um solar. Um casarão muito grande, com dois pavimentos e 79 cômodos. No solar cresceram os seus 10 filhos: Ana Jacinta, Félix, Maria Joaquina, Jorge, Joaquina, Isabel Jacinta, Inácio, Antônio, Isabel e Ana Joaquina.

Hospedavam no solar da fazenda muitas autoridades e vários dos viajantes europeus que percorriam o Brasil naquela época, que, nos seus escritos, ajudaram a mistificar a sua pessoa.

Capitão Inácio de Oliveira era Capitão-mor e tinha como incumbência manter a ordem nas vilas, sair à caça de bandidos. Em razão disto, viajava muito e outorgou a Da. Joaquina a administração das fazendas. Com certeza, algo raro, em casais da época, Joaquina deveria passar muita confiança e capacidade ao marido, para que ele desse a ela esse poder e responsabilidade.

Em 1771, foi designado para missões de apresamento de índios e negros fugitivos nos sertões do oeste mineiro e recebeu, por isso, como recompensa, várias sesmarias que aumentaram consideravelmente seu patrimônio. Ele foi encarregado pelo Governador da Província a abrir uma estrada, que ligava Paracatu a Pitangui.

Segundo historiadores, esta pode ter sido a razão da compra da primeira fazenda em Pompéu, que localizava na rota da estrada.

O cognome Joaquina do Pompéu surgiu do antigo proprietário Antônio Pompéu Taques. As pessoas da região, quando se queriam referir a ela, diziam:

– À Da. Joaquina da fazenda do Pompéu.

Em 1795, após um derrame cerebral, o Capitão Inácio ficou paraplégico e Da. Joaquina assumiu de fato, toda a responsabilidade dos negócios. A gestão de tão imenso território exigia valentia; Joaquina precisava deslocar-se constantemente, para tratar de seus negócios, porém, as estradas eram assobradas por assaltantes que matavam qualquer viajante desprevenido. Assim, em 1799, foi lhe concedido o direito de portar pistolas e outras armas para a sua defesa.

Em 1804, ele faleceu.

Da. Joaquina, após a morte do marido, fez os negócios prosperarem

muito. Mostrando seu talento de uma mulher diferenciada das demais de sua época.

Aumentou a criação de suínos e bovinos e começou a abastecer Vila Rica de Ouro Preto; aumentou o fornecimento para Pitangui e despachava bois até para o Rio de Janeiro. Também foi o período que surgiram as versões contraditórias sobre sua conduta moral e sexual. Era uma mulher bonita, inteligente e conservada, com 52 anos.

Numa sociedade patriarcal, era difícil, para uma mulher, acender profissionalmente. Elas eram consideradas incapazes de assumir o controle comercial e político, pois na aristocracia brasileira, estas eram atribuições dos senhores da época. O trecho publicado pelo livro *Nosso Século*, reforça esta ideia:

“A família patriarcal era o mundo do homem por excelência. Crianças e mulheres não passavam de seres insignificantes e amedron-

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Pompéu.



Dona Joaquina por Amílcar de Castro (1956).



tados, cuja maior aspiração eram as boas graças do patriarca. A situação de mando masculino era de tal natureza que os varões não reconheciam sequer a autoridade religiosa dos padres. Assistiam à missa, sem a menor manifestação daquela humildade cristã do crente (própria, aliás, das mulheres), assumindo ares de proprietário da capela, protetor da religião, bom contribuinte da igreja.”

No entanto, Joaquina se impôs e se igualou à figura masculina, implantando o seu matriarcado. Tornou-se uma mulher de negócio. Aumentou consideravelmente o patrimônio da família e ganhou prestígio junto às importantes figuras políticas da época.

Um fato que marcou a vida de Dona Joaquina foi a mudança da Corte Portuguesa para o Brasil. A família real fugia das tropas de Napoleão, que invadiu Portugal, por isso os nobres tiveram que atravessar o oceano às pressas.

No Rio de Janeiro, com a chegada da família real em 1808, o comércio e a população aumentaram bastante. A capital de então, assistiu uma grande movimentação no porto, com a chegada de maior quantidade de navios negreiros e de muitos estrangeiros. Exigia-se muito mais carne. Na ocasião do desembarque, o Rio de Janeiro encontrava-se despreparado, para receber mais de 15.000 pessoas vindas de Portugal. Em 20 dias, esgotaram-se todas as reservas alimentícias.

O Vice-Rei do Brasil, então, pediu auxílio ao Governador de Minas Gerais que, sem dinheiro e receoso de que os mineiros, desconfiados, não mandassem mercadoria a crédito, se lembrou de Dona Joaquina. A fazendeira atendeu o pedido, mandou suprimento e dinheiro. Assim, Da. Joaquina obteve fama. Durante anos, a fazendeira sustentou a nova capital do Reino do Brasil. Qualquer pedido que ela fizesse ao Regente, era atendida imediatamente.

Também o porto do Rio de Janeiro era ponto de partida e chegada de embarcações de cabotagem que abasteciam e se abasteciam em outras regiões costeiras.

Da. Joaquina aproveitou a oportunidade. Nomeou um primo, que tinha bom trânsito na Corte como representante comercial e, como um

“agrado” ao Príncipe Regente D. João VI, fez uma remessa de 200 bois para a fazenda Santa Cruz.

O abastecimento do Rio de Janeiro era um problema para as autoridades. A Corte, sabendo-se da disponibilidade de oferta de gêneros alimentícios e de bois para abate em Minas Gerais, apelou para o Capitão-Mor Governador para socorrer a capital. O Governador, por sua vez, solicitou o apoio de Da. Joaquina, que passou a enviar grandes remessas de bois. Visionária comercial, durante bastante tempo ela foi considerada uma importante fornecedora de bois para o Rio de Janeiro.

A quantidade de fazendas de D. Joaquina cresceu e ela consolidou a presença de seus produtos no mercado. Tão grande era a sua influência, que ela obteve do Rei *Carta Branca*. O que dava a ela total liberdade de ação, sendo imune à censura, processo e penas.

Dona Joaquina manteve uma amizade duradoura e fiel com a Casa Real Brasileira, até mesmo em uma grande crise, que culminou com a Independência do país. Ela esteve pronta a auxiliar a monarquia, oferecendo abrigo, para os soldados e doações, para patrocinar a campanha.

As propriedades da família consistiam, fora as fazendas de Pompéu, outras em Mato Grosso e uma na região de Paracatu. A fazenda de Paracatu fazia parte da herança que o Capitão Inácio recebeu do seu pai.

O Barão de Eschwege esteve na propriedade de Da. Joaquina em 1811 e lá se hospedou por mais de uma semana. Ele cita a dimensão da propriedade:

“Rio Peixe abaixo até a barra do Pará, por este abaixo até a sua confluência com o Rio São Francisco; por este abaixo até a foz do Rio Paraopeba; por este acima até o Ribeirão de Rio Pardo; de onde a linha divisória se dirige ao Córrego do Ouro e deste ao Ribeirão do Manda-Saia. Daí segue pela Serra do Amorim até a barra do Rio Peixe, onde teve princípio.”

Quando Da. Joaquina faleceu, com 72 anos, em 14 de dezembro de 1824, suas 11 fazendas atingiam uma área de 48.400 quilômetros quadrados. Possuía 60.000 cabeças de bovinos, 2.500 juntas de bois carreiros, 10.000 equinos e 1.000 escravos. As terras foram divididas em mais de 200 fazendas e distribuídas pela família.



As terras de Da. Joaquina abrangiam vastas extensões dos atuais municípios, alguns em sua totalidade, como Abaeté, Dolores do Indaiá, Pitangui, Pompéu, Pequi, Papagaios, Maravilhas e Martinho Campos. Era territorialmente maior que a Suíça, Bélgica e Holanda, Dinamarca e El Salvador, superando as áreas de cada um dos atuais estados de Alagoas, Sergipe e Espírito Santo.

A história de D. Joaquina de Pompéu é repleta de lendas e de mistérios. Algumas narrativas a retratam como uma senhora complacente com os escravos, religiosa, honesta e bem-comportada. Afirmam que ela se manteve fiel à memória do marido depois de ficar viúva. Cheia de pudores, não se mostrava nua, no banho, nem para as escravas de confiança. Tratava e alimentava bem os escravos. Religiosa, caridosa com as causas da igreja católica, era respeitada até pelas autoridades reais. Outras a retratam como figura desonesta, promíscua e depravada, que ia para a cama com visitantes e escravos escolhidos. É acusada pelos seus negócios mal explicados, que lhe renderam a fama de intransigente, violenta e desonesta. Histórias narradas até hoje pelos habitantes da região, mencionam até assassinatos de boiadeiros para ficar com o gado. Estes, depois de aliciados por ela, eram mortos e seus corpos enterrados embaixo do sobrado.

A conduta moral e sexual também é desconhecida. Afirmam que se tratava de uma mulher ninfomaníaca e exageradamente lasciva. Gostava de recrutar escravos bonitos para a sua cama. Naquele tempo, os senhores podiam até fazer isso, mas nunca as mulheres. Dizia-se que exigia que se desse vários banhos no escolhido para deixá-lo bem limpo. Depois de perfumado, era levado até seus aposentos. Segundo a tradição oral, chegaram a vê-la mantendo relações sexuais com um escravo à margem do córrego das Areias, em plena luz do dia, num lugar onde havia um monjolo. O monjolo, com suas batidas ritmadas e constantes, ditava o ritmo da cópula.

Lendas ou não, o fato é que ela era sempre lembrada pelas autoridades regionais, que a pediam auxílios em momentos difíceis, isso está registrado, Joaquina estava sempre pronta a atender os apelos. Ajudou cientistas estrangeiros, que estiveram no Brasil à serviço do rei, alimentou os encarcerados, socorreu os famintos e hospedou viajantes em seu sobrado.

Segundo Agripa Vasconcelos, Pompéu foi um importante núcleo da

civilização agrária das Gerais, de onde partiam tropas carregando gêneros alimentícios, para diversas localidades de Minas. Principalmente em Vila Rica d'Ouro Preto, onde mandava boiada para vender carne barata, durante a fome que atingiu a capital da Capitania de Minas Gerais em 1786.

A cidade de Pompéu nasceu nas terras de Da. Joaquina, de um pequeno arraial chamado Buriti da Estrada, às margens da Estrada Real, que ligava o norte de Minas Gerais à Pitangui. Todas as boiadas que provinham da região usavam a estrada e muitos boiadeiros pousavam no arraial, como última parada antes de chegar a Pitangui. Foi um genro de Da. Joaquina (Joaquim Cordeiro Valadares) que, em 1840, doou terras para a construção de uma capela, de uma escola e de algumas casas, para quem se interessasse fixar no local. Mais tarde, em 1866, com o aumento dos residentes, o arraial de Buriti da Estrada foi elevado a distrito de Pitangui, com o nome de Nossa Senhora da Conceição de Pompéu. Em



Dona Joaquina por Yara Tupynambá (1998).

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Pompéu.

Mulheres Extraordinárias – O resgate
histórico do legado pela palavra escrita

17 de dezembro de 1938, foi elevado a cidade, com o nome reduzido para Pompéu. Minha mãe, Iris Castelo Branco Morato, neta do bisneto de D. Joaquina, Antônio Cândido de Campos Cordeiro, nasceu em Buriti da Estrada, Pompéu.

Homenagem à matriarca

No dia 20 de agosto de 2011, na cidade de Pompéu, foi inaugurado o Centro Cultural Dona Joaquina do Pompéu. Eu estava presente junto a familiares, resgatando a história de uma das mulheres mais empreendedoras do Brasil no século XIX, matriarca de toda uma região de Minas Gerais.

O complexo arquitetônico é composto por quatro espaços: Casarão, Anexo Administrativo, Anfiteatro e Espaço Cultural.

O Casarão, espaço de maior destaque, é uma réplica do Solar do Laranjo, obra construída em 1871, por Antônio Cândido de Campos Cordeiro, meu bisavô, bisneto de Dona Joaquina, às margens do Rio Paraopeba (área atualmente inundada pelo lago da hidrelétrica Retiro de Baixo). Esse Casarão pertenceu ao meu avô Estanislau Castelo Branco, filho de Antônio Cândido; depois, pertenceu a meu tio Ari Castelo Branco. Lá, passei longas férias, na minha infância, com minha mãe, Iris Castelo Branco Morato. Eu adorava essas férias no Laranjo e tenho, na minha memória, essas reminiscências.

O Casarão, com dois pavimentos, abriga o Museu da Cidade de Pompéu. O Museu conta, ainda, com rico acervo fotográfico e coloca à disposição dos visitantes livros, que documentam toda a genealogia do casal do Pompéu, mostrando os mais de 80.000 descendentes, aproximadamente, até hoje.

Dois quadros da famosa artista plástica mineira Iara Tupinambá compõem a galeria do Museu.

O pavimento térreo é destinado a exposições itinerantes e do artesanato de Pompéu, conhecido em toda a região por sua diversidade e qualidade.

O Centro Cultural Dona Joaquina do Pompéu, uma das melhores opções de Turismo Histórico e Cultural da cidade de Pompéu, tem total acessibilidade (elevadores para idosos e deficientes), guia interno, acesso gratuito e está aberto para visitação pública.

Pela importância, influência e contribuição ao país, a família de Dona Joaquina pode ser comparada à família de Médici da Itália.

A família de Dona Joaquina do Pompéu é, hoje, uma grande família. Uma família que não se faz somente pelo tamanho, mas, pelo trabalho e dignidade de seus membros e ajuda no desenvolvimento de Minas Gerais e do Brasil como nação livre.

Assim falamos sobre os *Campos*, os *Campos Cordeiro*, os *Valadares*, os *Cordeiros Valadares*, os *Castelo Branco*, os *Álvares da Silva*, os *Silva Campos*, os *Mascarenhas*, os *Capanemas*, os *Lobatos*, os *Maciéis*, os *Vieiras Machados*, os *Lopes Cançados*, os *Fernandes Vieiras*, os *Carneiros de Mendonça*, os *Carneiros de Abreu*, os *Botelhos*, os *Melos Francos*, os *Souto Maior* e muitas outras...

Conforme mostrado por CAMPOS, Deusedit Pinto Ribeiro de Campos. *Dona Joaquina do Pompéu: Sua história e sua gente*. Belo Horizonte: Roma, 2003. (Edição de luxo). Vários políticos importantes, juristas e outras autoridades de Minas Gerais e de todo o Brasil são seus descendentes:

Da. Joaquina deixou uma descendência muito vasta, composta de:

10 filhos;

87 netos;

333 bisnetos;

1.108 trinetos;

14.637 tetranetos,

... penta netos, onde me encontro com orgulho de ter, no meu sangue, o DNA desse exemplo de **Mulher Extraordinária**, uma mulher muito além do seu tempo!

Por coincidência, nasci no mesmo dia em que Joaquina nasceu, 20 de agosto, para mim, uma honra falar um pouco, sobre sua obra e vida!

Uma forte matriarca, que tenho como espelho.





Email: ajebmg@gmail.com



AJEB MG



/AJEBMG



@ajebmg